



RECALCULANDO A ROTA
NA (DES)FRAGMENTAÇÃO
GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

Turismo, Sustentabilidade e Desigualdades Globais: o Sul como Território de Experiências e Riscos

Tourism, Sustainability, and Global Inequalities: The Global South as a Territory of Experiences and Risks

Camila Ingrid Regis dos Santos Farias

Mestra e doutoranda em Desenvolvimento Regional e Urbano, UNIFACS, Brasil.

Bolsista CAPES/CNPq, Brasil.

Grupo de Pesquisa Políticas e Epistemes da Cidadania/CNPq/UNIFACS, Brasil.

Grupo de Pesquisa Legados Indígenas e Africanos, Relações Étnico-Raciais Contemporâneas e Legislação Educacional/CNPq/UESC, Brasil.

E-mail: milla_ingrid001@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O turismo se consolidou como uma das atividades econômicas mais dinâmicas do planeta, frequentemente associado ao desenvolvimento sustentável e à integração entre culturas. No entanto, sob a lógica neoliberal e a expansão das cadeias produtivas globais, essa atividade revela contradições estruturais que afetam especialmente os territórios do Sul Global.

Desde suas origens, o turismo esteve vinculado a práticas de distinção e circulação de elites europeias. Como recorda Pereiro (2009), o termo “tour” remonta às viagens realizadas por nobres ingleses e alemães à França no século XVII — viagens associadas ao aprendizado e à posição social. Essa genealogia revela que o turismo não é uma prática neutra, mas um fenômeno marcado por relações de poder e desigualdade.

No contexto contemporâneo, o turismo global reproduz hierarquias históricas, ao transformar corpos, territórios e paisagens em mercadorias simbólicas e materiais. O caso da brasileira Juliana Marins, morta em 2025 durante uma trilha no Monte Rinjani, na Indonésia, serve como ponto de partida para discutir os riscos invisibilizados e as fragilidades normativas do turismo internacional.

2. JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

Este estudo problematiza a ideia de turismo sustentável a partir das desigualdades que estruturam sua prática no Sul Global. Embora o discurso da sustentabilidade tenha se tornado central nas agendas internacionais, a distância entre os princípios e sua efetiva aplicação evidencia um vazio normativo em relação à proteção dos direitos humanos, à segurança dos viajantes e à preservação dos territórios.

O objetivo geral deste trabalho é analisar criticamente o turismo internacional nas cadeias globais de valor (CGVs), evidenciando como as desigualdades econômicas, raciais e de gênero



RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

moldam a produção e o consumo da experiência turística. Especificamente, busca-se: a) compreender como o turismo se articula às dinâmicas de fragmentação global; b) identificar os riscos e as vulnerabilidades socioambientais nos destinos do Sul Global; c) discutir caminhos para uma prática turística verdadeiramente sustentável e ética.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A análise articula três eixos teóricos: a globalização e o imperialismo capitalista (Harvey, 2004; Quijano, 2005), a interseccionalidade e o neoliberalismo (Collins; Bilge, 2021) e as cadeias globais de valor (Nonnenberg, 2014; Gereffi *et al* 2005).

Harvey (2004) propõe o conceito de “imperialismo capitalista” para explicar como o capitalismo expande sua lógica de acumulação por meio da apropriação de territórios e recursos. Quijano (2005) complementa ao demonstrar que essa expansão se baseia na colonialidade do poder, que hierarquiza povos e saberes segundo parâmetros eurocentrados.

Já Collins e Bilge (2021) argumentam que o neoliberalismo global privatiza os riscos e reforça desigualdades estruturais ao transformar indivíduos em empreendedores de si mesmos — inclusive no campo do lazer e da viagem. Por fim, Nonnenberg (2014) define as cadeias globais de valor como redes produtivas fragmentadas, comandadas por empresas-líderes (*flagship companies*) que concentram lucros nos países centrais, enquanto países periféricos arcam com os custos sociais e ambientais.

4. Metodologia

A pesquisa tem natureza qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em análise documental e revisão bibliográfica crítica. Foram utilizados como fontes principais: a) relatórios internacionais, como os critérios de sustentabilidade do Conselho Global de Turismo Sustentável (GSTC, 2019); b) textos teóricos sobre globalização, turismo e sustentabilidade; c) notícias e relatos sobre o caso de Juliana Marins, analisados como expressão empírica das contradições do turismo neoliberal.

O método de análise foi hermenêutico e interpretativo, orientado pela leitura decolonial das dinâmicas globais, buscando compreender como discursos e práticas turísticas se articulam a estruturas mais amplas de poder e exclusão.

5. DISCUSSÃO

A integração do turismo às cadeias globais de valor evidencia uma divisão internacional profundamente desigual. As grandes plataformas digitais, como Booking.com, Airbnb e TripAdvisor, operam como empresas-líderes que concentram renda e controle tecnológico no Norte Global, enquanto os países receptores do Sul fornecem os “insumos” da experiência — cultura, natureza e mão de obra (Coelho *et al* 2015).



RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

O caso de Juliana Marins simboliza o cruzamento entre gênero, território e neoliberalismo. Sob a promessa de aventura e autoconhecimento, o turismo de risco expõe desigualdades estruturais: falta de fiscalização, precariedade de infraestrutura e ausência de protocolos de segurança. Como destacam Collins e Bilge (2021), tais contextos revelam como o neoliberalismo desmantela a proteção social, transferindo a responsabilidade para o indivíduo.

Do ponto de vista institucional, o GSTC (2019) estabelece critérios que associam turismo e direitos humanos, com destaque para o critério *B5 – Prevenção de exploração e discriminação*, vinculado aos ODS 10 (Redução das Desigualdades) e ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes). Contudo, a implementação dessas normas é limitada, sobretudo em países com baixa regulação estatal, o que mantém o turismo em uma zona cinzenta entre desenvolvimento e exploração.

A adoção de políticas públicas de turismo sustentável é uma saída possível, inspirada nos princípios do Relatório Brundtland (1987) e nas plataformas críticas de Jafari (1994), que defendem o equilíbrio entre conservação ambiental, bem-estar social e viabilidade econômica. Essa perspectiva sugere a reconfiguração da atividade turística como prática comunitária, participativa e territorialmente contextualizada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo, enquanto expressão da globalização, reflete as mesmas desigualdades que estruturam o sistema mundial. Longe de ser apenas um setor econômico, ele constitui um campo de disputa política, cultural e ética. O caso de Juliana Marins expõe os riscos e contradições de um modelo que transforma o risco em mercadoria e o corpo em experiência.

Repensar o turismo a partir da sustentabilidade territorial e das economias locais é uma necessidade urgente. Isso implica deslocar o foco do lucro para o cuidado com a vida, reconhecendo as interdependências entre ambiente, cultura e dignidade humana. Somente por meio de uma abordagem decolonial e comunitária será possível transformar o turismo em uma prática emancipatória, promotora de justiça social e de um futuro ambientalmente viável.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BUTLER, R. W. **Tourism, Environment, and Sustainable Development**. *Journal of Travel Research*, v. 31, n. 3, p. 29–31, 1993.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FLETCHER, R. **Tourism and Degrowth: Towards a Truly Sustainable Tourism**. Routledge, 2019.
- GSTC. **Global Sustainable Tourism Council Criteria for Destinations**. 2019.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- JAFARI, J. **The Scientification of Tourism**. In: *Annals of Tourism Research*, 1994.
- NONNENBERG, M. J. B. **Cadeias Globais de Valor e Desenvolvimento**. Brasília: IPEA, 2014.



**RECALCULANDO A ROTA
NA (DES)FRAGMENTAÇÃO
GLOBAL PRODUTIVA**

26 a 29 de novembro de 2025

PEREIRO, X. **Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações.** Lisboa: ICS, 2009.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** CLACSO, 2005.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.